

Israel-Palestina: um conflito identitário

Só o reconhecimento da identidade do outro e a aceitação da sua existência legítima pode abrir caminho à paz e à solução de dois Estados. Mas essa é uma aprendizagem entre israelitas e palestinianos.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 19 de maio de 2021

No ano passado quando foram assinados os Acordos de Abraão que estabeleceram [relações diplomáticas entre Israel e quatro Estados árabes](#), muitos pensaram que isso significava o fim da causa palestiniana. E Trump anunciou, com pompa e circunstância, a paz para o “novo Médio Oriente”. Claro está, que acordos de paz entre Estados que nunca tinham estado em guerra não podiam constituir fundamento para a paz na região. O “novo Médio Oriente” não era novo e embora, temporariamente, fora da agenda internacional, o conflito continuava lá. O conflito israelo-palestiniano é uma história interminável, um conflito permanente, com irrupções cíclicas de violência e sem solução à vista.

Como todos os conflitos, tem causas próximas que explicam cada uma das irrupções e raízes profundas que explicam a sua permanência. As causas próximas são conhecidas. Primeiro, o [despejo de famílias palestinianas no bairro muçulmano de Sheik Jerrah](#), em Jerusalém oriental, em favor de nacionalistas israelitas, sob o pretexto de propriedade anterior à fundação do Estado de Israel. O que teve, imediatamente, duas leituras: para israelitas era uma questão jurídica de direito de propriedade; para palestinianos uma questão política de judeização de Jerusalém. Segundo, as restrições impostas pela polícia israelita às concentrações tradicionais dos muçulmanos na porta de Damasco, no período do Ramadão. E, finalmente, o controlo do acesso à Mesquita al-Aqsa, terceiro lugar santo para os muçulmanos, considerado humilhante pelos palestinianos e que traz à memória a ocupação israelita de Jerusalém oriental e os milhares de refugiados palestinianos. Tudo isto agravado pelos confrontos com a polícia israelita.

A partir daqui a escalada da violência seguiu os padrões clássicos. Confrontos e vandalismo nas cidades mistas. [Rockets do Hamas sobre Israel. Mísseis israelitas sobre a Faixa de Gaza](#). Vítimas civis. Desproporcionadamente mais do lado palestiniano do que israelita. Sofrimento, morte e ressentimento de ambos os lados. Quem ganha com esta guerra? Os radicais de um lado e do outro. Que se legitimam mutuamente. Do lado palestiniano, o Hamas não é só o governo na Faixa de Gaza. Quer ser o líder da resistência palestiniana contra Israel. Ora esta guerra foi uma oportunidade feita à medida do Hamas para conquistar esse objectivo. Perante a passividade da Autoridade Palestiniana, o Hamas atacou Israel e ao atacar apresentou-se como o único defensor de Jerusalém e o protector dos lugares sagrados do islão. O único capaz de conduzir a luta nacional e religiosa contra Israel e defender, simultaneamente, os palestinianos de Gaza e da Cisjordânia e a minoria árabe de Israel.

Do lado israelita, [Netanyahu depois de quatro eleições não conseguiu uma maioria para formar governo](#). E [acossado pela justiça em casos de corrupção](#) precisa, a todo o custo, de se manter no poder. Ora, também, esta guerra foi uma oportunidade à medida para Netanyahu. Porque, paradoxalmente, o radicalismo do Hamas legitima a sua política radical e justifica a sua recusa de negociações de paz. Quem perde? Os moderados de um lado e de outro, que vêem reduzir-se o espaço para as negociações de paz e cada vez mais longe a única solução possível: a solução de dois Estados. Mas, porque parece o conflito não ter solução e não ter fim? Porque há razões para além das causas próximas. Ou melhor, porque as causas próximas reactualizam, periodicamente, as raízes profundas. E porque as raízes profundas são de natureza identitária. Porque as duas narrativas são investidas de um forte poder simbólico que se funda na religião e as liga à mesma terra.

De um lado, a ligação bíblica entre os Judeus e a terra prometida, Israel e a cidade de Jerusalém. Do outro, a Mesquita de al-Aqsa, lugar sagrado do islão, ou o quarteirão de Sheik Jerrah que remetem para a memória da ocupação israelita de Jerusalém oriental ou a Nakba, o deslocamento de milhares de refugiados palestinianos na fundação do Estado de Israel, em 1948. Em ambas as narrativas, o que está em causa é a identidade própria e a negação da identidade do outro. E essa dimensão identitária que torna tudo mais difícil. No que toca às causas próximas, a pressão internacional para um cessar-fogo e o regresso às negociações é fundamental. Mas no que toca às raízes profundas, só o reconhecimento da identidade do outro e a aceitação da sua existência legítima pode abrir caminho à paz e à solução de dois Estados. Mas essa é uma aprendizagem entre israelitas e palestinianos.

<https://www.publico.pt/2021/05/19/mundo/opiniao/israelpalestina-conflito-identitario-1963058>